

Um vaso campaniforme cordado no Norte de Portugal:

Castelo Velho de Freixo de Numão (V^a N.^a de Foz Côa).

Breve notícia

SUSANA OLIVEIRA JORGE *

Abstract - A bell beaker sherd with an "all-over corded" type of decoration is presented; the piece was found at the prehistoric site of Castelo Velho, near Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, northern Portugal). The importance of this discovery is briefly discussed in the context of other beaker vessels from the north of Portugal and of AOC-type pottery in the Iberian Peninsula. *Key-words:* bell beaker; AOC type of bell beaker; Castelo Velho monument.

I - Introdução

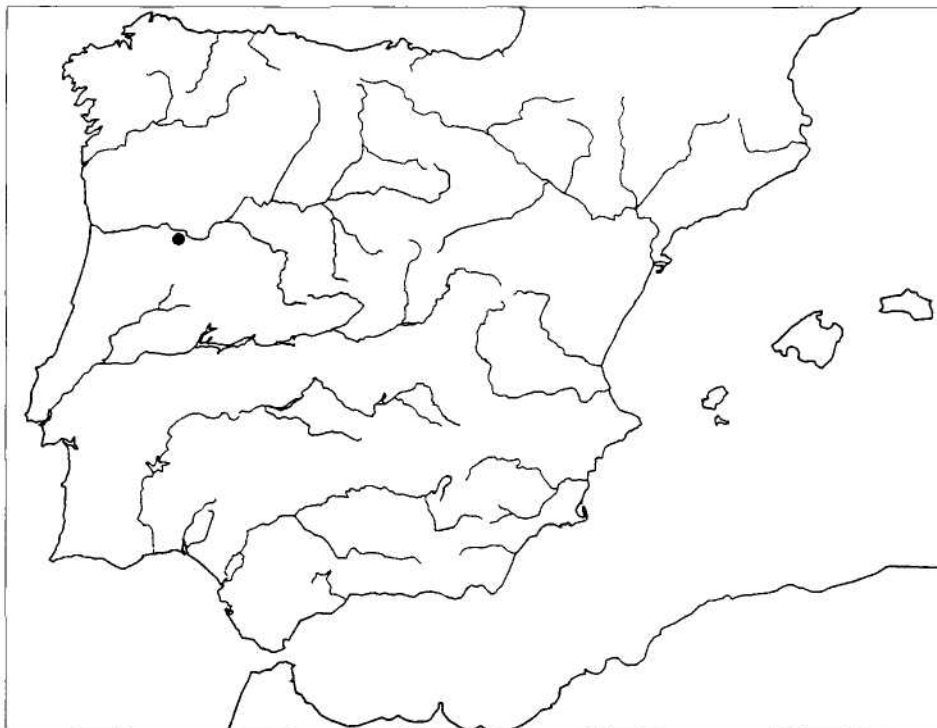
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (V^a. N^a de Foz Côa) tem vindo a ser estudado pela autora desde 1989 até à actualidade. Durante este período realizaram-se doze campanhas de escavações arqueológicas e desenvolveram-se trabalhos de investigação que conduziram à feitura de seis teses de mestrado apresentadas na FLUP. Publicaram-se ainda diversos estudos de análise e de síntese (Jorge, S.O. 1993, 1994, 1998, 1999 a, 2001; Jorge, S.O. *et al*, 1998/1999; Antunes, M.T. e Cunha, A.S., 1998; Figueiral, I., 1998). Entretanto, encontram-se em preparação mais três teses de mestrado e uma de doutoramento a apresentar à FLUP, prevendo-se que, a médio prazo, a monografia do sítio culmine este já longo processo de investigação.

* Professora Associada com Agregação. Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

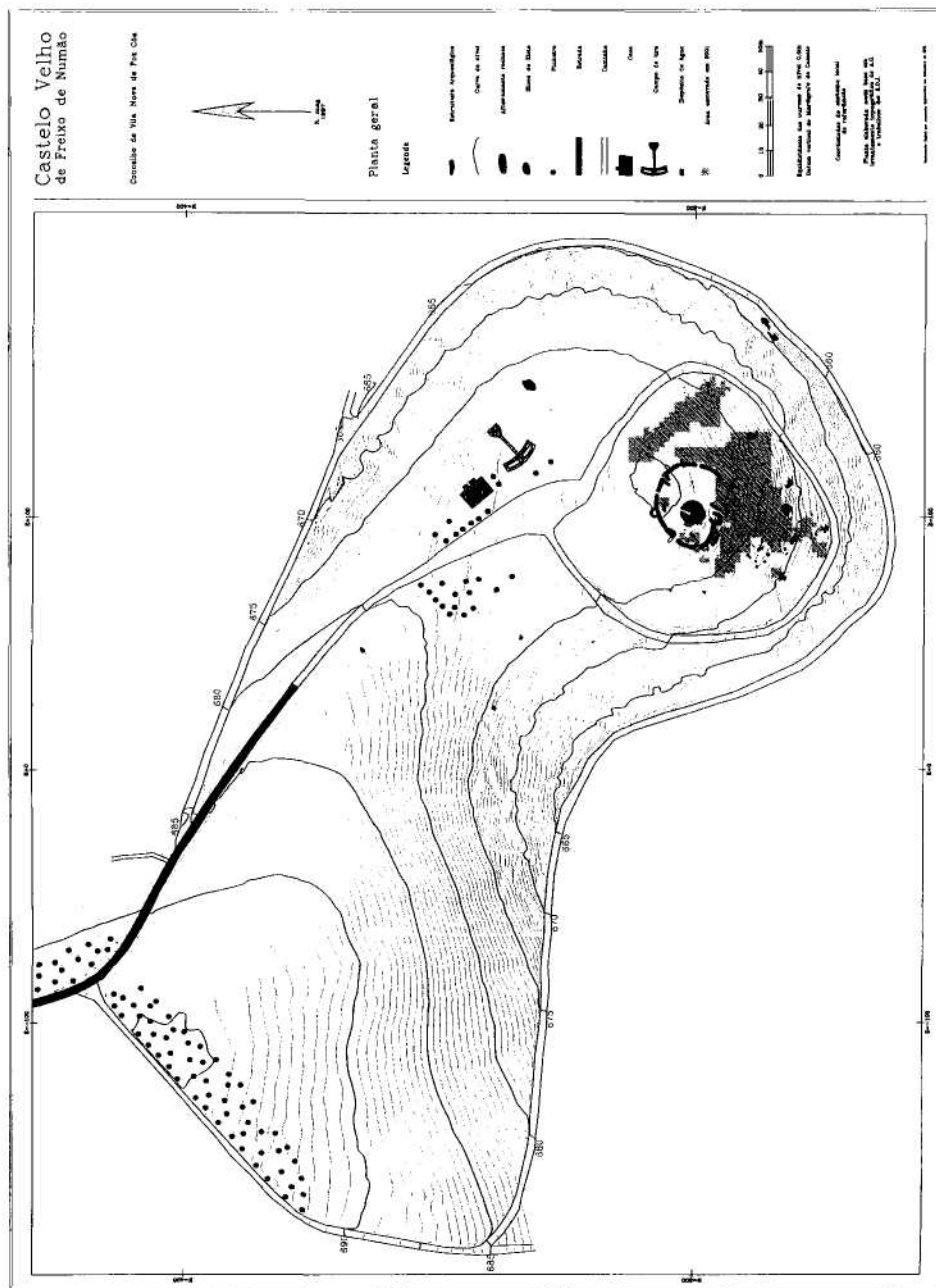
Em 2000 o sítio de Castelo Velho passou para a posse do Estado como estação afectada ao IPPAR. A partir de 2001 concebeu-se um projecto de estudo e valorização patrimonial do local, que, sob a coordenação da autora, foi candidatado pelo IPPAR ao Programa Operacional de Cultura, que o aprovou. Tal projecto, que tem uma vigência inicial de três anos, pretende preparar o local para a fruição pública, tirando partido de todo o conhecimento acumulado pela investigação multidisciplinar desenvolvida ao longo de quase década e meia (Jorge, S.O., no prelo).

Castelo Velho de Freixo de Numão (Ests. I e II) terá sido inicialmente ocupado no cume dum esporão, a c. de 681 m de altitude absoluta. Tal ocupação foi responsável pela construção dum torreão e por vestígios de estruturas de combustão e "lajeados", dispersos por áreas circunscritas e descontínuas no topo do morro. Tais estruturas encontram-se envoltas em sedimentos de cor castanho-acinzentada que constituem a camada 4 do sítio arqueológico. Esta primeira fase de ocupação poderá ter correspondido a um momento fundacional do lugar.

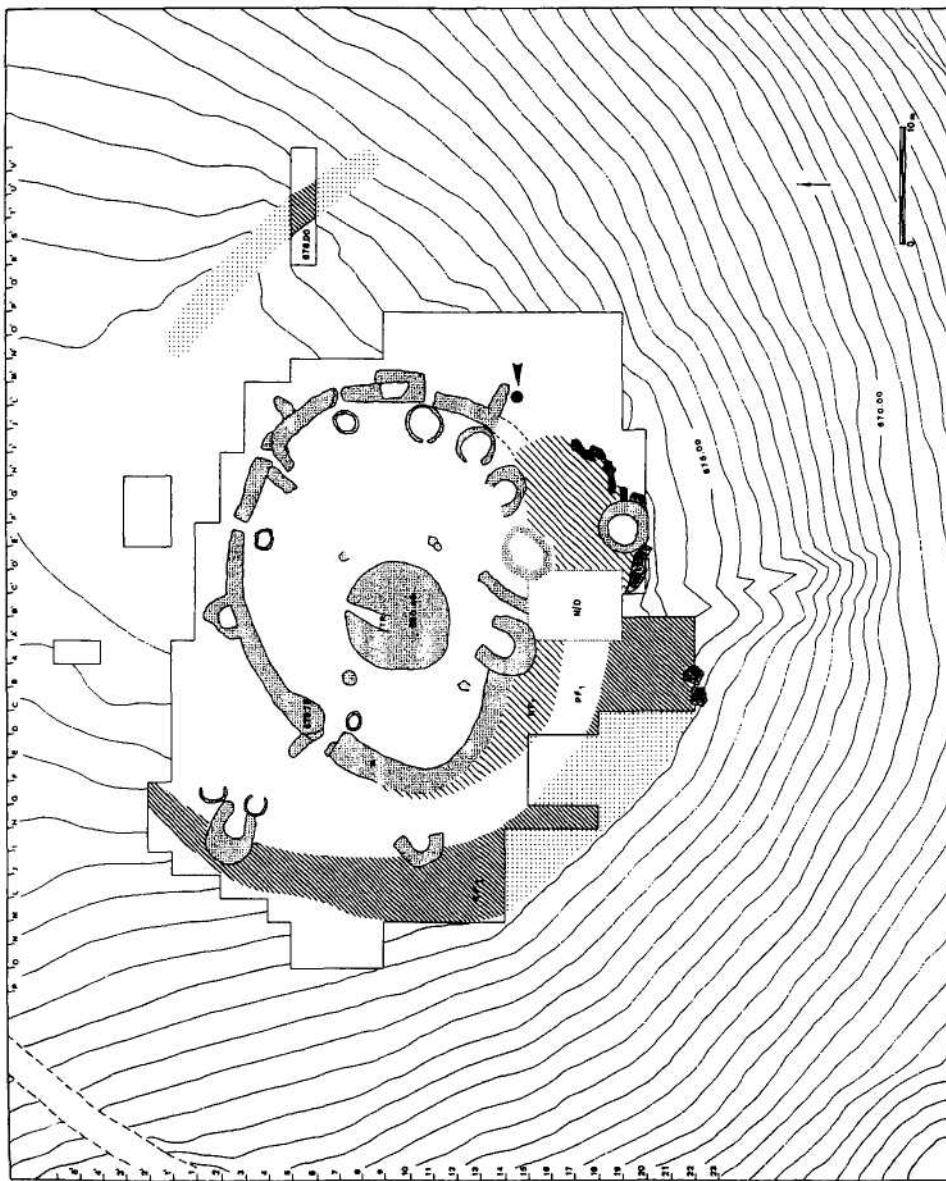
Após a esta primeira fase, o sítio sofreu uma alteração de fundo. No topo do esporão foi construído um "monumento" de pedra e argila, constituído por um recinto sub-elíptico, rodeado duma plataforma intermédia e várias "rampas" (Est. III). O "monumento", nesta fase, continha no cume do esporão, inúmeras estru-



Est. I - Localização do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão na Península Ibérica.



Est. II - Planta do morro onde se localiza o sítio de Castelo Velho. Encontra-se representado: a negro, uma parte do recinto superior e, a cinzento, as áreas escavadas em 2001. (Planta elaborada com base em levantamento topográfico de António Guerreiro e trabalhos arqueológicos coordenados pela autora).



Est. III - Planta esquemática do sítio de Castelo Velho, ao nível da segunda fase construtiva, após escavações de 2000. M - murete delimitador do recinto superior; TR - torre central; RP1 - primeira "rampa"; PF1 - plataforma intermédia; RP2 - segunda "rampa". Bola preta e seta: localização do fragmento campaniforme no quadrado L'15. *(Desenho final de Vítor Fonseca)*

turas, quer no interior do recinto, quer fora dele. Os sedimentos que se articulam com esta segunda ocupação e fase construtiva apresentam, em regra, uma cor amarelada e constituem a camada 3 do sítio. Tal camada terá sido contemporânea da construção e utilização prolongada das principais estruturas e espaços criados na parte superior do "monumento": recinto, bastiões, torre central, muretes de contenção, plataforma intermédia e "rampas" (na sua concepção inicial). Assim, ao contrário da camada 4, que se articulava com uma fase relativamente curta da vida do sítio, a camada 3 corresponde a um longo período de tempo, durante o qual se construiu, utilizou, inutilizou e manteve activo um complexo espaço monumental.

Num determinado momento, o "monumento" sofreu algumas alterações de vulto: certas estruturas foram condenadas, edificaram-se outras, reforçaram-se as "rampas" e a plataforma intermédia. No entanto, manteve-se intacto o plano arquitectónico inicial, que previa um recinto rodeado de plataforma e "rampas". Os sedimentos que se conectam com esta terceira fase de ocupação e reconstrução revelam, em regra, uma cor acastanhada (de várias tonalidades), correspondendo à camada 2 do sítio. Também esta camada poderá equivaler a um certo período de tempo, durante o qual se reorientou o acesso e, eventualmente, a natureza da utilização do topo do "monumento".

Finalmente, o lugar foi alvo duma petrificação intencional que o condenou. Nos locais onde essa acção ficou melhor preservada observaram-se verdadeiros "aterros" de pedra associada a argila, que ocultaram inteiramente as estruturas da camada 2.

Encontra-se em curso um estudo aprofundado da diacronia do sítio com base na interpretação de 30 datas de C14 (Jorge, S.O. e Rubinos, A., 2002). Todavia, sobre a evolução global é possível, desde já, avançar as seguintes hipóteses:

- a primeira fase construtiva ter-se-á iniciado por volta de 3000 A.C., tendo dado origem, como já referimos, a uma ocupação efémera;
- a segunda fase construtiva, que constitui uma ruptura com a anterior, terá ocorrido passado pouco tempo (100/200 anos?). O "monumento" concebido durante esta fase terá tido uma vida muito longa até, provavelmente, aos inícios do 2º milénio A.C. A confirmar-se esta hipótese, este segundo momento arquitectónico terá atravessado as balizas convencionais do Calcolítico e do Bronze Inicial, estando operacional entre c. 2900/2800 A.C. e c. 1900/1800 A.C. (?) (parâmetros cronológicos ainda aproximativos);
- a terceira fase construtiva, que não rompe arquitectonicamente com a segunda, pelo menos ao nível do projecto global, terá decorrido entre os inícios do 2º milénio A.C. e c. 1300 A.C., ou seja, entre meados do Bronze Inicial e o Bronze Pleno;
- finalmente, por volta de 1300/1200 A.C. (baliza convencional), o lugar terá sido condenado através da deposição mais ou menos organizada de camadas de pedra e argila.

Só muito mais tarde, já em plena Idade Média, o Castelo Velho de Freixo de Numão terá sido breve e esparsamente ocupado ⁽¹⁾. Os vestígios de tal ocupação apenas desmantelaram, em sectores restritos, e de forma pouco destrutiva, as camadas de pedra e argila que haviam "fechado" o "monumento" da Idade do Bronze.

Durante as escavações arqueológicas de 2001 foram intervencionadas vastas áreas, em torno do recinto superior, a leste e a sul, até ao caminho aberto há vários anos pela empresa CELBI (antiga proprietária do terreno onde se implanta a estação), o qual delimita artificialmente o espaço actualmente em estudo (Est. II).

Paralelamente procedeu-se à integral escavação duma área parcialmente aberta em 1998, situada a leste, no exterior do recinto superior, abrangendo vários quadrados que continham ainda sedimentos correspondendo à camada 3 da estação.

Foi precisamente no quadrado L'15 (Est. III), na base da referida camada 3, que foi descoberto um fragmento cerâmico com uma decoração nova no âmbito das observadas nesta unidade estratigráfica. De facto, a análise de milhares de fragmentos cerâmicos provenientes da camada 3, ao longo de doze anos de investigação, tinha-nos advertido para a existência de um conjunto ceramológico extremamente coerente adentro do chamado Calcolítico regional, sobretudo nas suas fases intermédia e final (Jorge, S.O. 1986; Sanches, M.J., 1997).

Predominam na camada 3 as decorações "penteadas", segundo múltiplas organizações decorativas, associadas ou não a puncionamentos, incisões, impressões, etc. Num exemplar foi também observada parte dum possível "motivo oculado", utilizando a impressão "penteada". Como se sabe, tal padrão, não sendo muito frequente, tem paralelos no Norte de Portugal em estações calcolíticas transmontanas (por ex., em S. Lourenço e Vinha da Soutilha (Chaves) ou no Buraco da Pala (Mirandela)) (Jorge, S.O., 1986; Sanches, M.J., 1997).

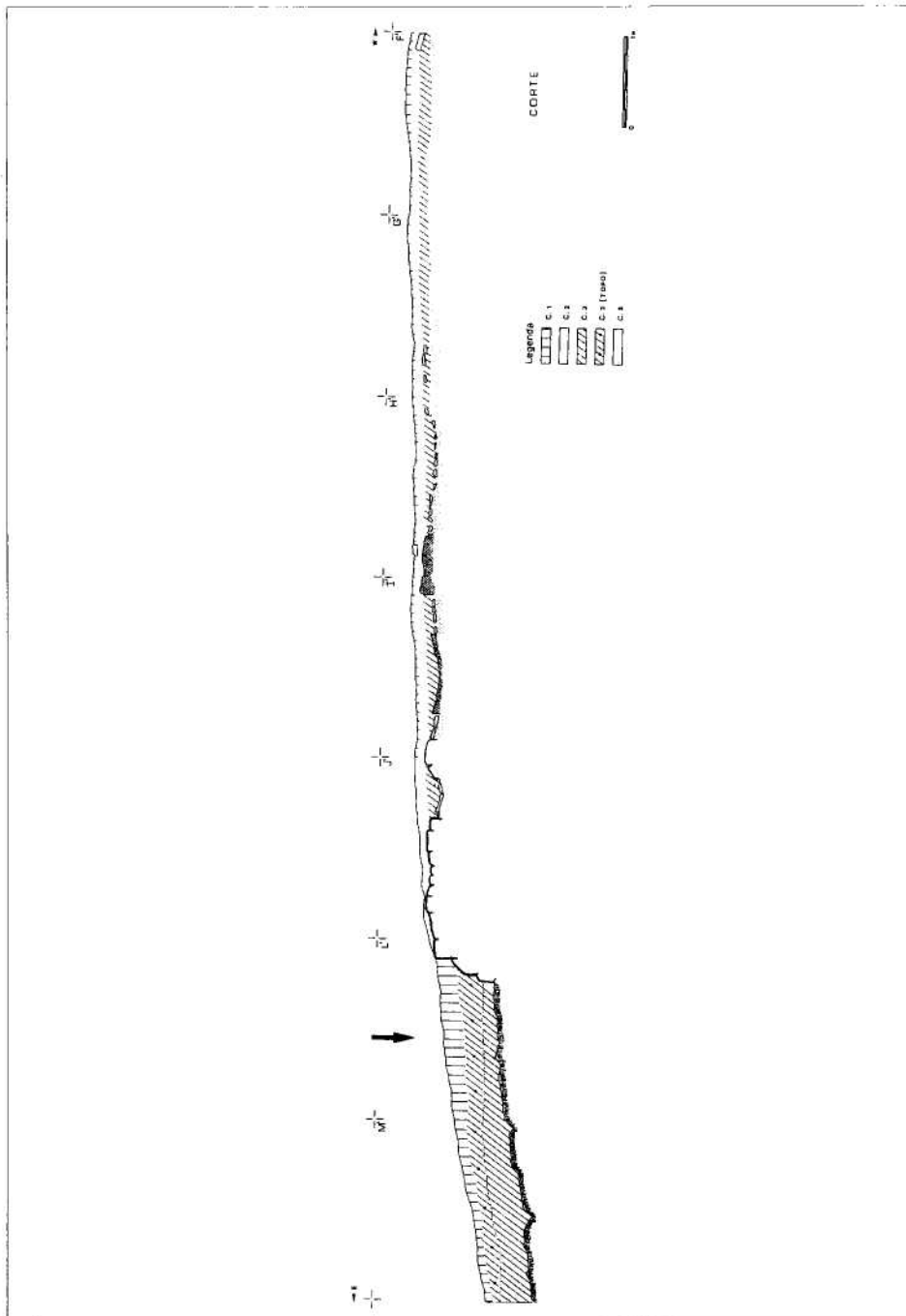
Todavia, nunca havia sido encontrada cerâmica campaniforme. Tal ausência adquiria especial significado, face ao volume de fragmentos observados, e também devido à proximidade espacial de Castelo Velho com Castanheiro do Vento (V^a N^a de Foz Côa) (Jorge, V.O., *et al*, 2002) e sobretudo com Crasto de Palheiros (Murça) (Barbosa, S.C.P., 1999; Sanches, M. J., no prelo a, b), no qual haviam sido exumados abundantes fragmentos de vasos campaniformes.

II - O vaso campaniforme de Castelo Velho de Freixo de Numão

1. Contexto estratigráfico (Ests. III e IV)

Um fragmento cerâmico campaniforme foi detectado na base de camada 3 (interstícios da rocha de base), no quadrado L'15, a c. 50 cm do solo actual. Como estrutura de vulto, existente nas proximidades, apenas é de registar um murete de contenção (Est. III), localizado no exterior do muro delimitador do recinto superior.

⁽¹⁾ Encontra-se em preparação uma breve notícia sobre tal ocupação histórica.



Est. IV - Corte estratigráfico E - W, a c. de 4 metros para norte, do quadrado L'15. A seta indica o quadrado L'13. O fragmento cerâmico foi encontrado no L'15, na base da camada 3, a c. 50 cm de profundidade relativamente ao solo actual.

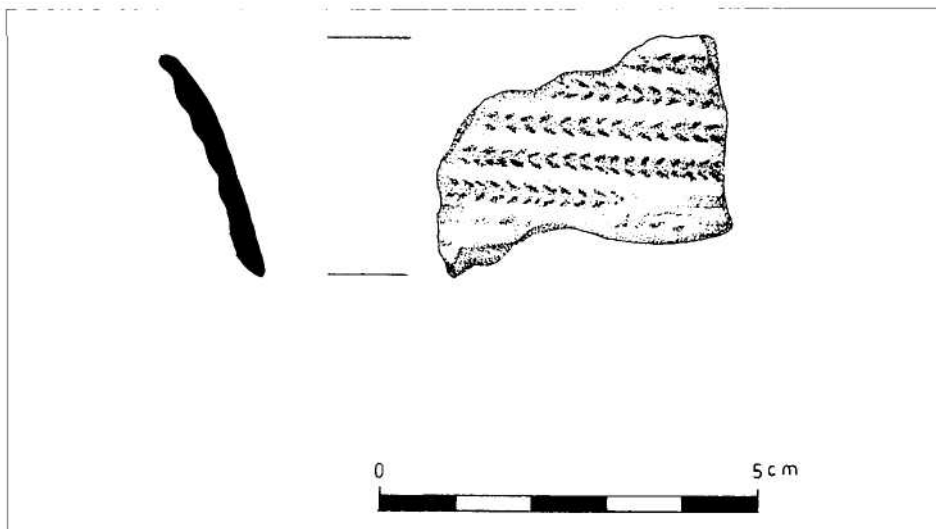
(Desenho final de Vítor Fonseca)

O fragmento encontrava-se associado a outros materiais, nomeadamente cerâmicos, de âmbito calcolítico, que obedeciam aos padrões estilísticos habituais na camada 3.

2. Descrição técnico-morfológica do fragmento cerâmico (Ests V e VI)

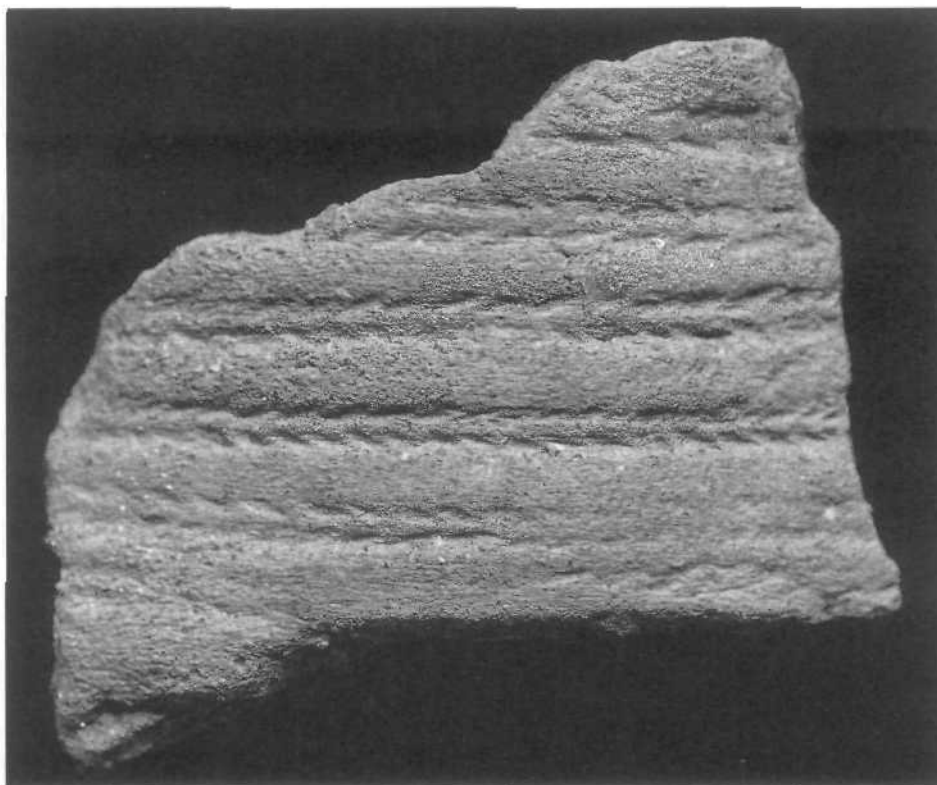
Trata-se dum pequeno fragmento, correspondendo à parte superior dum vaso acampanulado, de colo exvasado, de paredes finas.

Apresenta uma pasta com desengordurante (sobretudo quartzo e mica) de calibre pequeno e médio. As superfícies (externa e interna) encontram-se muito corroidas pela erosão. A respectiva cor é ligeiramente avermelhada. O núcleo é cinzento-escuro. O fragmento é decorado com impressões de corda fina. Os dois alinhamentos de fios torcidos expressam-se simetricamente. Trata-se provavelmente do que Salanova (2000, p. 31) classifica como "cordelette crochetée". Tal decoração desenha linhas impressas, paralelas ao bordo, alternando com espaços sem decoração. As linhas impressas ocupam sulcos mais fundos relativamente aos espaços não decorados. Esta decoração (linhas paralelas ao bordo a distâncias iguais) invadia provavelmente quase todo o vaso. De notar que a torção da corda muda de sentido, consoante se muda de linha. Neste fragmento observamos, de cima para baixo, uma linha com torção para a esquerda, uma 2^a linha com torsão para a direita, a 3^a e 4^a linhas com torção para a esquerda e a 5^a linha com torsão para a direita. Trata-se duma técnica e duma organização decorativas clássicas, no contexto dos cordados puros europeus e peninsulares, apresentando paralelos com a decoração dum vaso da estação de Filomena no litoral levantino (Esteve, E, 1956, Lam. II, 17; Harrison, R., 1977 a, p. 201, fig. 87, 1750).



Est. V - O fragmento do vaso campaniforme cordado de Castelo Velho de Freixo de Numão.

(Desenho de Lúcia Azevedo)



Est. VI - Macrofotografia do fragmento campaniforme condado de Castelo Velho de Freixo de Numão.
(Serviço Iconográfico do ICBAS - U. P)

3. Cronologia absoluta de camada 3: alguns dados

Das actualmente 16 datas de C14 disponíveis para a camada 3 de Castelo Velho, 9 revelam valores que caem exclusivamente no 3º milénio A.C. (cal. a 2 sigma). Apresentamos aqui essas datas sem quaisquer comentários sobre o seu contexto específico, tendo em conta que as mesmas serão interpretadas, em breve, num texto que abarca 30 datas de C14 deste sítio arqueológico (Jorge, S.O. e Rubinos, A., 2002).

ICEN 785 – 2877 – 2495 A.C.
Sac 1518 – 2884 – 2492 A.C.
CSIC 1706 – 2860 – 2472 A.C.
GrN 23512 – 2876 – 2290 A.C.
ICEN 1165 – 2872 – 2202 A.C.
ICEN 536 – 2875 – 2145 A.C.
Ua 17647 – 2623 – 2200 A.C.
Ua 17648 – 2492 – 2041 A.C.
CSIC 1655 – 2474 – 2292 A.C.

Saliente-se desde já que só três destas datas (as três primeiras da lista) indicam intervalos de tempo situados aproximadamente na primeira metade do 3º milénio A.C. Cinco apontam para intervalos de tempo excessivamente amplos, que ocupam quase todo o 3º milénio A.C. A última da lista revela um curto intervalo de tempo, situado na segunda metade do 3º milénio A.C.

As referidas datas referem-se a amostras de carvão provenientes de lareiras, estruturas de combustão ou concentrações de carvão, existentes maioritariamente no **interior** do recinto superior. Pontualmente podem provir da plataforma intermédia ou do topo da segunda "rampa", no sector oeste do "monumento".

De acentuar que nenhuma destas datas (ou qualquer outra, referente a esta ou outras camadas) se relacionam com amostras localizadas nas imediações do quadrado L'15, onde foi detectado o fragmento campaniforme cordado.

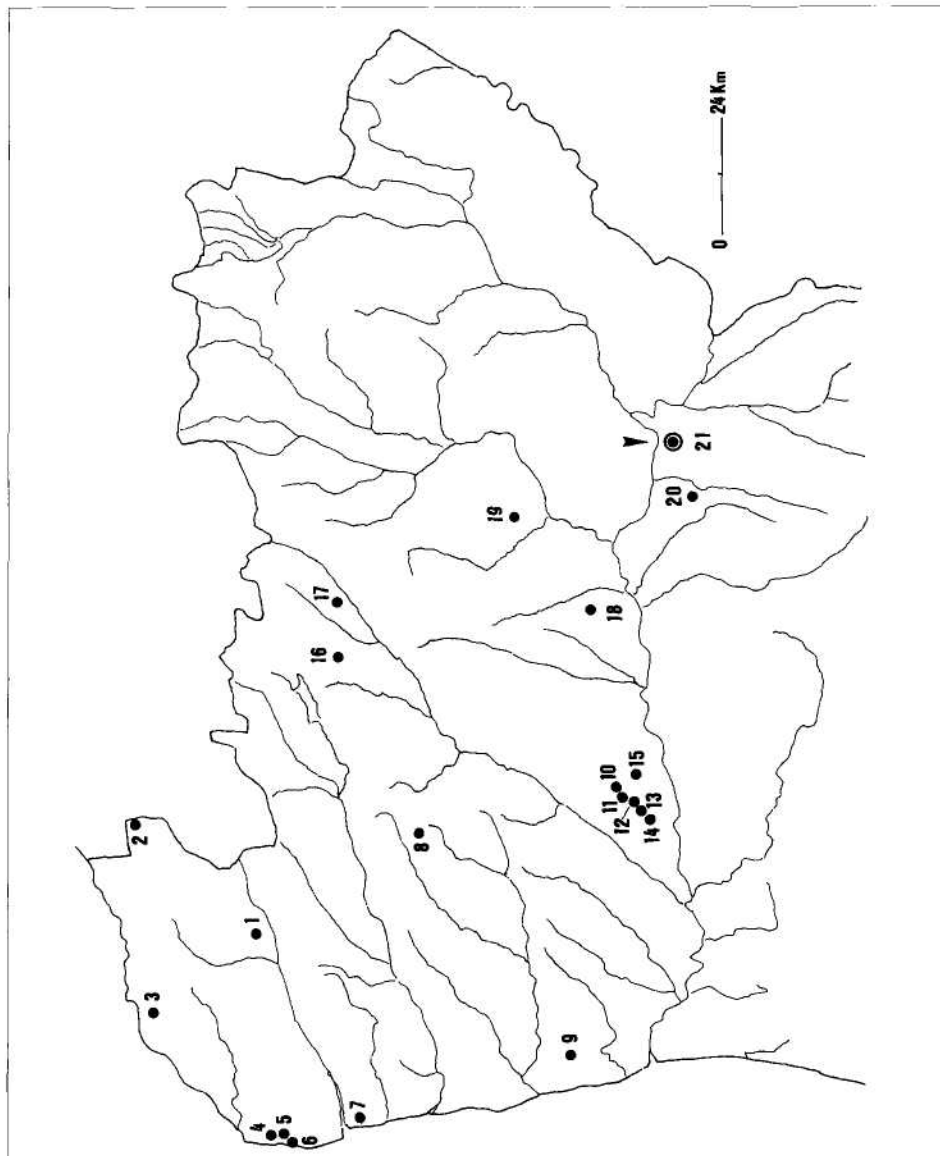
III - O vaso cordado de Castelo Velho no quadro da cerâmica campaniforme regional e peninsular

1. As cerâmicas campaniformes do Norte de Portugal: breve apontamento (Quadro I e Est. VII)

QUADRO I

	Estação	Contexto	Decoração	Bibliografia
1	Chã de Arcas (Arcos de Valdevez)	Mamoia	Marítimo, variante linear	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
2	Mamoia 1 da Portela Do Pau (Melgaço)	Dólmen simples	Marítimo, variante linear; pontilhado geométrico	Jorge, V.O., Baptista, A.M., Silva, E.J.L., Jorge, S.O., 1997
3	Castelo de Fraião (Valença)	Povoado (?)	Marítimo, variante linear (?)	Almeida, C.A.B., Soeiro, M.T., Barroca, M., 1995
4	Dólmen da Barrosa (Caminha)	Dólmen de corredor	Pontilhado geométrico (?)	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
5	Mamoia de Aspra (Caminha)	Mamoia	Marítimo, variante internacional; pontilhado geométrico	Cruz, D.J., 1991
6	Mamoia de Eireira (Viana do Castelo)	Dólmen de corredor	Marítimo, variante internacional	Cruz, D.J., 1991
7	Mamoia de Chafé (Viana do Castelo)	Dólmen simples	Marítimo, variante internacional	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
8	Lugar de Vargo (Fafe)	Contesto tumular (?)	Pontilhado geométrico	Bettencourt, A.M., 1991/92

	Estação	Contexto	Decoração	Bibliografia
9	Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde)	Mamoa	Marítimo, variante linear	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
10	Dólmen 1 de Chã Parada (Baião)	Dólmen de corredor	Marítimo, variante linear; pontilhado geométrico	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
11	Mamoa 2 Out° de Ante (Baião)	Dólmen simples	Pontilhado geométrico	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
12	Tapado da Caldeira (Baião)	Povoado	Marítimo variante linear; pontilhado geométrico; inciso (Ciempozuelos)	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
13	Mamoa 1 de Chã do Carvalhal (Baião)	Câmara megalítica cistoide	Marítimo variante linear; pontilhado geométrico; inciso; liso (Palmela/Ciempozuelos)	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991; Cruz, D.J., 1992
14	Mamoa de Monte Maninho (Baião)	Dólmen simples	Pontilhado geométrico (?)	Cruz, D.J., 1991
15	Mamoa de Vale de Juros (Baião)	Dólmen simples	Pontilhado geométrico (?)	Cruz, D.J., 1991
16	Mamoa 2 de Carvalhos (Baião)	Mamoa	Incisão	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
17	Pastoria (Chaves)	Povoado	Marítimo variante linear; pontilhado geométrico; estilos locais; liso	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991
18	Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa)	Dólmen de corredor	Marítimo variante linear; pontilhado geométrico (Ciempozuelos/Palmela (?))	Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991; Gonçalves, A.A.H.B., Cruz, D.J., 1994
19	Crasto de Palheiros (Murça)	"Monumento"	Marítimo, variante linear e internacional; pontilhado geométrico; lisos; inciso (Ciempozuelos)	Barbosa, S.C.P., 1999; Sanches, M.J., no prelo a, b
20	Castanheiro do Vento (V ^a N ^a de Foz Côa)	"Monumento"	Marítimo, variante Linear	Jorge, V.O., Muralha, J., Pereira, L. e Coixão, A.S., 2002
21	Castelo Velho (V ^a N ^a de Foz Côa)	"Monumento"	Cordado (AOC)	Jorge, S.O., 1998; Jorge, S.O., 2001



Est. VII - Mapa de distribuição da cerâmica campaniforme no Norte de Portugal (adaptado de Jorge, S. O., 1986, vol. I B, fig. 3 e Cruz, D. J., 1991, fig. 43)

- | | |
|-------------------------------|--------------------------------------|
| 1. Chã de Arcas | 11. Mamoa 2 de Outeiro de Ante |
| 2. Mamoa 1 de Portela do Pau | 12. Tapado da Caldeira |
| 3. Castelo de Fraião | 13. Mamoa 1 de Chã do Carvalhal |
| 4. Dólmen da Barrosa | 14. Mamoa de Monte Maninho |
| 5. Mamoa de Aspra | 15. Mamoa de Vale de Juros |
| 6. Mamoa de Eireira | 16. Mamoa 2 de Carvalhelhos |
| 7. Mamoa de Chafé | 17. Pastoria |
| 8. Lugar de Vargo | 18. Mamoa 1 de Madorras |
| 9. Mamoa de Guilhabreu | 19. Crasto de Palheiros |
| 10. Dólmen 1 de Chã de Parada | 20. Castanheiro do Vento |
| | 21. Castelo Velho de Freixo de Numão |

1.1. Façamos um breve comentário ao Quadro I (Est. VII)

Saliente-se, em primeiro lugar, que focaremos apenas as cerâmicas campaniformes existentes a norte do rio Douro, apesar da localização dos sítios de Castelo Velho e Castanheiro do Vento, na margem esquerda daquele rio. Como é óbvio, referiremos exclusivamente as cerâmicas publicadas (Jorge, S.O., 1986; Cruz, D.J., 1991). No entanto, temos plena consciência de que se fossem dados à estampa os materiais provenientes de múltiplas escavações realizadas nos últimos quinze anos em contextos sepulcrais do Norte de Portugal, o mapa de distribuição da cerâmica campaniforme não só se ampliaria, como as hipóteses interpretativas decorrentes da sua análise poderiam conduzir-nos a insuspeitadas problemáticas.

A análise sumária do Quadro I, permite-nos destacar os seguintes aspectos:

- Dos vinte e um sítios mencionados, quinze referem-se a contextos tumulares, quatro a povoados e três a uma nova categoria que, provisoriamente, designaremos por "monumentos" (ou "espaços monumentais"), que preferimos a "povoados — monumentos" (Sanches, M.J., no prelo a, b), por razões que não cabe aqui desenvolver.
- Relativamente aos quinze contextos tumulares podemos verificar que eles se localizam ou no litoral (cinco), ou no litoral-interior (oito), sendo que apenas dois ocorrem no interior (Trás-os-Montes Ocidental).
- A exceção do caso comprovado da Mamoia 1 de Chã do Carvalhal (Baião) e dum outro hipotético contexto tumular (Lugar de Vargo, Fafe), os restantes sepulcros terão sido construídos maioritariamente durante o Neolítico Médio - Final. Desta forma, exceptuando os dois contextos referidos, as cerâmicas campaniformes surgem como "intrusões" do 3º milénio em monumentos sepulcrais cuja origem remonta ao 5º/4º milénio A.C.
- Quanto aos povoados e aos chamados "monumentos" eles distribuem-se pelo litoral - interior (dois) e pelo interior (quatro). São sítios muito distintos entre si, dificilmente comparáveis. Em quatro deles a cerâmica campaniforme surge associada a materiais calcolíticos locais.
- Analisando agora os vários sítios em presença, verificamos que o campaniforme cordado de Castelo Velho permanece um exemplar isolado no universo aqui tratado. Por outro lado, estão presentes o Complexo marítimo (variantes internacional e linear), o chamado pontilhado geométrico (Moreno, 1971/72; Delibes, G., 1977) e a incisão, articuláveis, em certos exemplares, com os Complexos de Palmela/Ciempozuelos. Ocorrem ainda estilos considerados locais e campaniformes lisos (formas acampanuladas sem decoração).

Passemos rapidamente em revista os respectivos estilos decorativos.

O *Complexo marítimo, variante internacional*, ocorre em quatro túmulos e um "monumento": três sepulcros no litoral (Aspra, Caminha; Eireira, Viana do Castelo; Chafé, Viana do Castelo), um outro no litoral — interior (Mamoia 1 de Chã do Carvalhal, Baião) e um "monumento" no interior (Craсто de Palheiros, Murça).

O *Complexo marítimo, variante linear*, tem uma distribuição mais abrangente. Surge em cinco túmulos, três povoados prováveis e dois "monumentos": um sepulcro no litoral (Mamoia de Guilhabreu, Vila do Conde); três sepulcros e dois possíveis povoados no litoral — interior (respectivamente, Chã das Arcas, Arcos de Valdevez; Mamoia 1 da Portela do Pau, Melgaço; Dólmen 1 de Chã de Parada, Baião; Castelo de Fraião, Valença; Tapado da Caldeira, Baião); um sepulcro, um povoado e dois "monumentos" no interior (respectivamente, Mamoia 1 de Madorras, Sabrosa; Pastoria, Chaves; Crasto de Palheiros, Murça; Castanheiro do Vento, V^a N^a de Foz Côa).

O *pontilhado geométrico* também acusa uma ampla distribuição no Norte de Portugal. Aparece em dez sepulcros, dois povoados e um "monumento": dois túmulos no litoral (Dólmen da Barrosa, Caminha; Mamoia de Aspra, Caminha), sete túmulos e um povoado no litoral — interior (respectivamente, Mamoia 1 da Portela do Pau, Arcos de Valdevez; Lugar de Vargo, Fafe; Dólmen 1 de Chã de Parada, Baião; Mamoia 2 de Outeiro de Ante, Baião; Mamoia 1 de Chã de Carvalhal, Baião; Mamoia de Vale de Juros, Baião), e um sepulcro, um povoado e um "monumento" no interior (respectivamente, Mamoia 1 de Madorras, Sabrosa; Pastoria, Chaves; Crasto de Palheiros, Murça).

O *campaniforme inciso* tem uma expressão muito menos importante do que a variante linear ou o pontilhado geométrico. De facto, surge apenas em dois sepulcros, um povoado e um "monumento": um túmulo e um povoado no litoral - interior (respectivamente, Mamoia 1 de Chã do Carvalhal, Baião; Tapado da Caldeira, Baião), um túmulo e um "monumento" no interior (respectivamente, Mamoia 2 de Carvalhelhos, Boticas; Crasto de Palheiros, Murça).

Quanto a *formas campaniformes com decorações locais* (à base de "impressões penteadas"), conhecemos, pelo menos, dois conjuntos: o do abrigo do Buraco da Pala I (Mirandela) (Sanches, M.J., 1997) (que não vem referenciado no Quadro I) e a forma de tipo Acebuchal proveniente do povoado da Pastoria (Chaves) (Jorge, S.O., 1986). Ambos os locais (celeiro do Buraco da Pala e povoado da Pastoria) se localizam no interior, em Trás-os-Montes.

Acrescente-se a presença de *formas campaniformes lisas*: uma proveniente da Mamoia 1 de Chã do Carvalhal (Baião), no litoral - interior; outra do povoado da Pastoria (Chaves) e várias do "monumento" de Crasto de Palheiros (Murça) no interior transmontano.

Neste texto não abordaremos as formas calcolíticas locais decoradas com impressão "penteadas", segundo uma organização aditiva que parece reflectir uma eventual reelaboração local do padrão campaniforme marítimo (Jorge S.O., 1986). Tais recipientes encontram-se dispersos por inúmeros contextos do Norte de Portugal e a sua análise e interpretação não cabe neste texto que, tendo em conta o seu principal objectivo (dar a conhecer um vaso campaniforme cordado), deve ater-se ao essencial do seu enquadramento regional.

Finalmente, e tendo presente os dados sumários fornecidos pelo Quadro I, facilmente se torna claro que no Norte de Portugal predominam os campaniformes

marítimos (variante internacional e linear) e os chamados "pontilhados geométricos", sem que, neste caso, seja sempre facilmente discernível a sua vinculação aos Complexos de Palmela/Ciempozuelos. Estes Complexos estão presentes nos seguintes contextos: povoado do Tapado da Caldeira, Baião (Ciempozuelos); Mamoa 1 de Chã de Carvalhal, Baião (Palmela/Ciempozuelos); Mamoa 1 de Madorras, Sabrosa (Ciempozuelos/Palmela (?)); "monumento" de Crasto de Palheiros, Murça (Ciempozuelos). Assim, os chamados "estilos evolucionados" tanto ocorrem num povoado, num "monumento", num sepulcro neolítico reutilizado ou num túmulo tardio, contemporâneo da própria cerâmica campaniforme. Ou seja, os "estilos evolucionados" acusam diversidade contextual e espacial.

1.2. Acrescentemos algumas palavras sobre a cronologia da cerâmica campaniforme no Norte de Portugal. A única estação que disponibilizou datas de C14 para um contexto com cerâmica campaniforme é o Crasto de Palheiros, em Murça (Barbosa, S.C.P., 1999; Sanches, M.J., no prelo a, b). Conhecemos duas datas que não se recobrem, caindo uma entre 2862 e 2493 A.C. e a outra entre 2278 e 1992 A.C. (cal. a 2 sigma). No entanto, M. J. Sanches (no prelo b, Quadro I) sobrevaloriza o primeiro intervalo de tempo, datando este contexto campaniforme da primeira metade do 3º milénio A.C.

Todavia, a predominância no Norte de Portugal de estilos considerados "arcaicos", que, em outros contextos peninsulares (nomeadamente na Estremadura e Alentejo), podem apresentar uma cronologia recuada, da primeira metade/meados do 3º milénio A.C. (Cardoso, J.L. e Soares, A.M., 1990/92; Cardoso, J.L., 2000), não nos autoriza, por si só, a inscrevê-los aqui num intervalo de tempo estritamente similar. Por um lado, alguns estilos "arcaicos" (marítimo, variante internacional e/ou linear) podem ter perdurado e convivido, em alguns contextos, com estilos mais "evolucionados" (ver, por ex., Mamoa 1 de Chã do Carvalhal, Baião). Por outro lado, nada nos impede de pensar que a circulação global da cerâmica campaniforme (nos seus diversos estilos e adaptações regionais) possa ter ocorrido no Norte de Portugal durante um lapso curto de tempo (algures no 3º milénio A.C.).

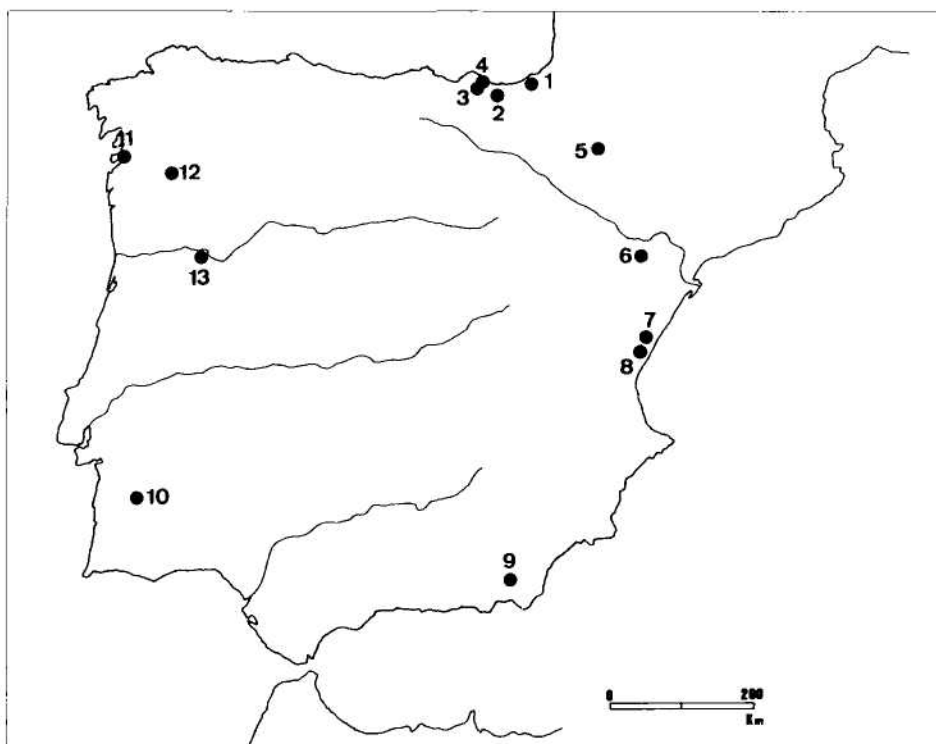
Dada a ausência de séries de datação absolutas e de raras associações contextuais inequívocas, torna-se, de momento, inviável estabelecer uma diacronia interna, minimamente rigorosa para os vários estilos em presença. Esta afirmação engloba naturalmente a cronologia do vaso cordado de Castelo Velho. Localmente ele integra-se na base duma camada cuja evolução abarca muitas centenas de anos. Mesmo que admitamos que a sua "entrada" no "monumento" possa ter sido precoce no âmbito da vida da estação (em sintonia com os parâmetros cronológicos aceites para os cordados peninsulares, de que falaremos adiante), não possuímos ainda qualquer prova arqueológica que o confirme.

Assim, a cronologia absoluta da cerâmica campaniforme do Norte de Portugal permanece em aberto, mau grado as muitas intervenções arqueológicas realizadas nos últimos vinte anos por inúmeras equipas de investigação.

2. As cerâmicas campaniformes cordadas peninsulares: primeiro ponto da situação (Est. VIII)

A cerâmica campaniforme com decoração cordada (AOC, seg. Harrison, R., 1977 a) tem uma ampla dispersão europeia, onde, aliás, poderá ter precedido a variante internacional do Complexo marítimo (Harrison, R., 1977 a, b, p. 7).

Todavia, na Península Ibérica, o tipo AOC encontrava-se tradicionalmente restringido a meia dúzia de pontos descontínuos, dispersos pelos Pirinéus Ocidentais e pelo Baixo Ebro e costa levantina (Harrison, R., 1977 a, p. 13, fig. 3; 1977 b, p. 7, fig. 1.1). Para Harrison (1977, a, p. 13) só na estação levantina de Filomena (Villarreal, Castellón) este tipo, na sua versão típica, estaria bem representado na Península Ibérica (Harrison, R., 1977 a, p. 201, fig. 87, 1750).



Est. VIII - Mapa de distribuição do campaniforme cordado (AOC) na Península Ibérica (adaptado de Harrison, 1977 a, fig. 3 e Suárez Otero, 1997 b, fig. 1)

- | | |
|-----------------------|---------------------------------------|
| 1. Amalda II | 7. Cueva Merinel |
| 2. Anton Koba | 8. Filomena |
| 3. Lumentxa | 9. Terrera - Ventura |
| 4. Santimamiñe | 10. Porto Torrão |
| 5. Camón de las Fitas | 11. A Fontenla |
| 6. Masada del Ram | 12. Arca dos Penedos |
| | 13. Castelo Velho de Freixo de Numão. |

Entretanto, foram posteriormente descobertos e publicados novos achados de cerâmica campaniforme cordada na Península, que ampliaram a sua distribuição para sul e para ocidente (Suárez Otero, J., 1997 a, b). Em 1997 verificavam-se mais dois pontos na zona cantábrica, outros dois na Galiza, um na costa valenciana e um último no Sudeste (Suárez Otero, J., 1997 b, fig. 1) ⁽²⁾.

Duma maneira geral, era possível, em 1997, chegar às seguintes ideias — base sobre a cerâmica cordada na Península Ibérica:

- a cerâmica cordada pura (AOC) ocorria, de preferência, nas regiões litorais ou peri-litorais sem nunca insinuar-se no interior da Península;
- à excepção dum ponto isolado no SE (Terra — Ventura), destacavam-se três núcleos geográficos: Pirinéus ocidentais; Baixo Ebro e costa levantina imediata; Noroeste;
- apesar da dificuldade de avaliar a maioria dos contextos arqueológicos, podia-se sugerir que os AOC ocorriam preferencialmente em grutas ou, em geral, em associações ditas domésticas;
- relativamente à distribuição geográfica e ao tipo de contextos, para já não falar da técnica e do estilo, os cordados puros (AOC) diferiam, em muitos pontos, dos cordados - mistos (C/ZM) (seg. Harrison, 1977 a, p. 14, o resultado da hibridação da variante internacional do Complexo marítimo com o cordado puro). Na verdade, os cordados — mistos, ao contrário dos cordados puros, expandiam-se mais para ocidente, nomeadamente através dos sistemas montanhosos da Meseta (Suárez Otero, J., 1977 a, fig. 6). Por outro lado, os cordados - mistos inseriam-se preferencialmente em contextos funerários;
- apesar de ser difícil avaliar com precisão a cronologia do campaniforme cordado na Península, era possível propor (a partir da correlação de algumas variáveis) uma grande antiguidade do mesmo, em estreita relação com as variantes internacional, linear e C/ZM do Complexo marítimo, e com alguns estilos locais. Tal antiguidade, a raciocinarmos em datas calibradas (Suárez Otero fá-lo com base em datas convencionais), remontaria à primeira metade/meados do 3º milénio A.C.;
- em 1997, Suárez Otero aventava ainda a hipótese da existência de duas vias litorais de "penetração" do campaniforme cordado: uma seria ocidental, tendo como origem o oeste da França, a qual se desenvolveria através da costa cantábrica até ao Noroeste peninsular; a outra, a partir do leste de França, afectaria as costas mediterrânicas e, dessa forma, avançaria para o sul da Península. Segundo o autor, tal penetração campaniforme correlacionar-se-ia com movimentos migratórios que projectariam um momento de ruptura e de confrontação com as tradições locais.

⁽²⁾ Não se menciona, neste texto, o campaniforme cordado da estação de Ferrandell - Oleza, na ilha de Maiorca (Suárez Otero, J., 1997 b, p. 35, fig. 1), por nos atermos apenas ao continente peninsular.

Nos estudos de 1997, Suárez Otero refere-se a duas estações com cordado puro e a outra com cordado — misto na Galiza: respectivamente A Fontenla, Arca dos Penedos e Forno dos Mouros. No último caso, trata-se dum dólmen de corredor, na serra de Bocelo, situado no centro da Galiza. Os dois primeiros exemplos, relativos a cordados puros, correspondem a um povoado de encosta, no litoral (A Fontenla) e um abrigo (cuja funcionalidade se desconhece) no vale do rio Limia, também no interior da Galiza (Arca dos Penedos). Suárez Otero (1997 b) acentua, e bem, a "diversidade geográfica, contextuai e formal" dos três recipientes cerâmicos. Pondo de lado, por ora, o cordado — misto de Forno dos Mouros, vale a pena recordar os outros dois achados.

Em A Fontenla estamos face a um povoado de encosta, a 140 m sobre a ria de Vigo. Foram ali identificados dois níveis de ocupação. O mais antigo, possivelmente de finais do 4º/1ª metade do 3º milénio A.C., inseria cerâmicas lisas e, em menor quantidade, cerâmicas impressas. O mais recente, provavelmente de meados do 3º milénio A.C., integrava cerâmicas impressas e inciso - impressas (atribuíveis à ambiência de "tipo Penha") associadas a vasos campaniformes⁽³⁾. Para além de fragmentos inseríveis na variante linear e no pontilhado geométrico, ocorrem fragmentos dum vaso campaniforme com decoração cordada. Trata-se da parte superior dum recipiente decorado com a impressão dum cordel fino, desenhando linhas paralelas ao bordo. Essas linhas encontram-se apartadas segundo uma organização zonal. O vaso de A Fontenla, de perfil acampanulado, encontra-se vinculado a formas clássicas do AOC peninsular.

Em Arca dos Penedos, e num contexto superficial, foi achado um vaso de perfil menos sinuoso do que o de A Fontenla, decorado com impressão duma corda de fio duplo, segundo uma sequência de linhas, com alguns paralelos na magra amostragem peninsular.

Em território português, para além do vaso de que damos notícia neste texto, só conhecemos um outro publicado, proveniente do povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) (Arnaud, J.M., 1993)⁽⁴⁾.

Porto Torrão é um provável povoado com cerca de 100 hectares, no qual foram realizadas prospecções e escavações arqueológicas. Nos sectores intervencionados foi detectada uma estratigrafia constituída por três estratos. O estrato 3 é designado pré-campaniforme e integra materiais típicos do Calcolítico do Sudoeste. Os estratos 2 e 1 inserem materiais calcolíticos locais associados a cerâmica campaniforme, correspondendo, segundo o autor, à fase antiga e média da evolução desta mesma cerâmica. Num destes estratos foi encontrado "um pequeno vaso campaniforme de perfil de ondulação suave e fundo plano, com decoração cordada, que parece ter

⁽³⁾ E certo que tal contexto recorda-nos a última ocupação da Pastoria (Chaves). De notar, no entanto, que mesmo na área de Chaves, a cerâmica metopada arranca provavelmente nos finais do 4º milénio A.C. para perdurar até, pelo menos, meados do 3º milénio A.C. No litoral desconhecemos a sua diacronia.

⁽⁴⁾ Agradecemos a J. L. Cardoso o facto de nos ter recordado a publicação de tal achado.

abrangido a maior parte do vaso" (Arnaud, J.M., 1993, p. 42, fig. 6,1). Pela observação do desenho parece-nos estar em presença da impressão duma corda fina (aparentemente uma linha dobrada simples), criando uma sequência de linhas paralelas ao bordo, que invade quase todo o vaso. Para além deste recipiente foram exumados (ou recolhidos em prospecção) muitos outros fragmentos de vasos campaniformes (nomeadamente na chamada "zona nuclear" da estação) vinculáveis à variante internacional e, eventualmente, ao pontilhado geométrico. O autor acentua ainda a presença dum botão de osso com perfuração em V, objectos de cobre e ouro e ainda um fragmento de braçal de arqueiro.

No artigo de 1993, Arnaud revela uma data de C14 para uma amostra de ossos do estrato 1, que, uma vez calibrada, fornece um intervalo de tempo entre 3335 e 2800 A.C. (Arnaud, J.M., 1993, p. 46). Contudo, uma posterior revisão das datas de C14 desta estação (Cardoso, J.L. e Soares, A.M.M., 1990/92), utilizando outras datas absolutas também para amostras de ossos do estrato 1, obteve uma média ponderada, cuja calibração, a 2 sigma, forneceu um intervalo de tempo entre 2823 e 2658 A.C. (Cardoso, J.L., 2000, Est. XXI). Trata-se de um dos poucos dados cronológicos, a nível peninsular, que apoia a feitura/utilização desta cerâmica na primeira metade do 3º milénio A.C.

Acrescente-se que a análise das pastas de cerâmicas provenientes dos estratos pré-campaniformes e campaniformes revelou que todas "foram feitas localmente, a partir de pelo menos três tipos de argilas quimicamente distintas, existentes nas proximidades imediatas do povoado" (Arnaud, J.M., 1993, p 47).

3. Concluindo

O vaso de Castelo Velho amplia para treze o parco universo de estações publicadas com campaniforme cordado no continente peninsular.

Para além deste facto, talvez de importância relativa, tal descoberta deverá suscitar alguma reflexão sobre o enquadramento supra-regional deste tipo de cerâmica?

Em primeiro lugar, recordemos a *localização* do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão. Este lugar situa-se na margem esquerda do rio Douro, nas proximidades dum seu afluente directo. Encontra-se a pouco mais de 100 Km, em linha recta, da costa atlântica ocidental, sendo, depois de Camón de Ias Fitas (Est VIII), a estação mais interior, com cordado puro, na Península Ibérica. Já, aliás, as estações de Arca dos Penedos (na Galiza) e de Porto Torrão (no Alentejo), embora mais próximas do litoral, deixavam antever um avanço (pelo menos das descobertas) dos AOC para o interior peninsular. A localização de Castelo Velho não põe obviamente em causa o facto da maioria das estações com cordados puros serem litorais ou peri-litorais, mas matiza um pouco a noção duma estrita implantação costeira deste tipo de cerâmica. Por outro lado, não querendo, de momento, entrar na discussão sobre eventuais "vias de penetração" dos AOC, a partir de focos situados além-Pirinéus

("rotas" ocidental/atlântica e meridional/mediterrânica), parece-nos que este achado no alto Douro português nos alerta para a necessidade de se repensar, no seu todo, as formas de circulação desta cerâmica no espaço peninsular.

Em segundo lugar, voltemos ao *contexto*. O aparecimento dum vaso com decoração cordada em Castelo Velho, se reforça a ideia de que tal cerâmica rareia em sepulcros, abre a porta para se admitir que ela pode ocorrer em cenários muito diversificados. Não apenas em grutas ou povoados de ar livre, mas, a aceitarmos a recente reinterpretação de Castelo Velho (Jorge, S.O., 1998, 1999 a, 2001), também em espaços monumentais de natureza multifuncional, vinculados à afirmação identitária de grupos calcolíticos. Aliás, acrescente-se que a descoberta dum vaso campaniforme cordado no grande "povoado" de Porto Torrão, no Alentejo, deixa antever a sua provável inserção num outro tipo de sítios, o dos recintos com fossos do Sudoeste peninsular (Jorge, S.O., 1999 b, p. 96). Desta forma, parece ser lícito supor, dada a raridade de estações com AOC na Península, que tal cerâmica se articula com uma grande heterogeneidade contextuai.

Em terceiro lugar, relembremo-nos da *técnica e organização decorativa*. Agora já não tanto para levantar pistas de discussão, mas para simplesmente constatar um facto: é difícil aceder à especificidade da técnica de impressão com corda. Isto resulta de duas circunstâncias básicas: a técnica de impressão com corda é eminentemente *dinâmica*, variando substancialmente, de vaso para vaso, consoante o *movimento* de torsão, tensão, deslocação lateral, etc. (Salanova, L., 2000 a, pp. 31 - 32); a descrição técnica da decoração dos vasos peninsulares é normalmente deficiente, não explicitando pormenores que são fundamentais para se aceder à variabilidade e complexidade da mesma. Daqui resulta que, a partir dos dados publicados, se torna difícil comparar o fragmento de Castelo Velho com os restantes exemplares peninsulares. Se a aproximação ao vaso da estação de Filomena for correcta (não apenas ao nível da técnica, mas da organização decorativa), não deixa de ser curioso notar que, quase no outro lado da Península, surge um recipiente integrável naquilo que Harrison designava como um "AOC típico". E se olharmos para o vaso de Porto Torrão ele também nos parece — embora seja difícil de avaliar só pelo desenho - um "AOC clássico". Quer dizer, apesar da dificuldade em decifrar as descrições disponíveis, parece-nos que existe um elevado grau de padronização técnica e estilística dos recipientes com decoração cordada na Península Ibérica. O que poderá estar na base de tal unidade, apesar da grande dispersão e descontinuidade espacial destes AOC ?

Tal pergunta remete-nos inevitavelmente para o fulcro da controversa "questão campaniforme". De facto, não é possível conceber um texto, mesmo preliminar, sobre cerâmica campaniforme, sem se ser confrontado permanentemente com a problemática que tem envolvido a sua interpretação cultural.

Num futuro trabalho, mais desenvolvido, sobre o enquadramento local, regional e peninsular do vaso cordado de Castelo Velho, talvez nos aventuremos por caminhos interpretativos que, de momento, achámos prematuro trilhar.

Agradecimentos

Agradeço a Domingos Jesus da Cruz, João Luís Cardoso, José Suárez Otero, Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Jean Guilaine e Laure Salanova as informações que me forneceram durante a feitura deste texto. A Richard Harrison fico igualmente grata pelas sugestões que me enviou e pelo testemunho da sua amizade.

Adenda

Na sequência de correspondência recente realizada com Richard Harrison (o qual me forneceu inúmeras sugestões sobre a problemática dos AOC peninsulares), penso ser útil dar a conhecer a opinião actual daquele investigador sobre os autênticos vasos cordados da Península Ibérica.

Da lista de 13 estações que eu enuncio na Fig. VIII, Richard Harrison admite que só 10 contêm verdadeiros campaniformes cordados. Para ele devem ficar de fora as estações de Santimamine (4), Masada del Ram (6) e Terrera-Ventura (9), para além de Ferrandell-Oleza, na ilha de Maiorca, que eu menciono na nota 2.

Por outro lado, a eventual supressão de 3 estações na Península Continental, torna ainda mais excepcional a descoberta do fragmento de Castelo Velho que R. Harrison também considerava "clássico" e, tal como eu, comparável a um vaso de Filomena, no levante espanhol.

Acrescente-se que R. Harrison tem vindo a insistir na necessidade de se realizar, a curto prazo, uma reinterpretação dos AOC peninsulares, no quadro da complexa problemática do campaniforme desta ampla região.

Bibliografia

- ALMEIDA, C. A. B., SOEIRO, M. T., BARROCA, M. J., 1995, Estação arqueológica do Castelo de Fraião (Boivão, Valença), *Portugalia*, Nova Série, vol. XVI, pp. 311-322.
- ANTUNES, M. T. e CUNHA, A. S., 1998, Restos humanos do Calcolítico - Idade do Bronze de Castelo Velho, Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa - nota preliminar, *Côapisação, Cultura e Ciência*, n° 0, pp. 35-42.
- ARNAUD, J. M., 1993, O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas, *Vipasca. Arqueologia e História*, vol. 2, pp. 41-60.
- BARBOSA, S. C. P., 1999, *O Crasto de Palheiros — Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada)
- BETTENCOURT, A. M. S., 1991/92, Achado de um vaso campaniforme na Serra do Maroiço - Fafe, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, vol. 8-9, pp. 233-236.

- CARDOSO, J. L., 2000, O "fenómeno" campaniforme na Estremadura portuguesa, *Pré-História Recente da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 353-380, "Actas do 3º Cong. de Arqueologia Peninsular", vol. IV.
- CARDOSO, J. L. e SOARES, A. M. M., 1990/1992, Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série IV, vol. 8/10, pp. 203-228.
- CRIADO BOADO, F. e VÁZQUEZ VARELA, J. M., 1982, *La cerámica campaniforme en Calina*, Corunha, "Cuadernos do Seminario de Sargadelos", vol. 42.
- CRUZ, D. J., 1991, *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-História recente do Norte de Portugal*, Coimbra. Trabalho apresentado em provas públicas de aptidão pedagógica e capacidade científica da FLUC (policopiado).
- CRUZ, D. J., 1992, *A Mamoa 1 de Chã do Carvalhal (Serra da Aboboreira)*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, "Conímbriga Anexos", vol. 1.
- ESTEVE GÁLVEZ, E., 1956, Cerâmica de cuerdas en la Plana de Castellón, *Actas de la IV sesión de C.I.P.P.* (Madrid, 1954), pp. 543-556.
- FIGUEIRAL, L., 1998, Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). Os restos vegetais carbonizados, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº 0, pp. 43-48.
- GONÇALVES, A. A. H. B. e CRUZ, D. J., 1994, Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real), *Estudos Pré-Históricos*, vol. II, pp. 171-232.
- JORGE, S. O., 1986, *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves - Vª Pª de Aguiar*, 3 vols.. Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- JORGE, S. O., 1993, O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da pré-história recente do Norte de Portugal, /" *Congr. Arqueologia Peninsular*, vol. I, Porto, SPAE, pp. 179-216.
- JORGE, S. O., 1994, Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular, *Revista da Faculdade de Letras*, 2ª série, vol. XI, Porro, pp. 447-546.
- JORGE, S. O., 1998, Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VI, pp. 279-293.
- JORGE, S. O., 1999 a, Geschichre der Interpretationsversuche, *Madriider Mitteilungen*, vol. 40, pp. 80-96.
- JORGE, S. O., 1999 b, *Domesticar a terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*, Lisboa, Gradiva Publicações.
- JORGE, S. O., 2001, Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Portugal) et la problématique des "habitats fortifiés" de la Péninsule Ibérique, *Communautés Villageoises du Proche — Orient à l'Atlantique* (dir. Jean Guilaine), Paris, Ed. Errance, pp. 241-252.

- JORGE, S. O., no prelo, Etapas de estudo e valorização do sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Portugal, *Actas do Simpósio "Conservação e intervenção em sítios arqueológicos e monumentos históricos"*, Porto — Paredes de Coura, Univ. Portucalense Infante D. Henrique — Câmara Municipal de Paredes de Coura, Abril de 2001.
- JORGE, S. O., OLIVEIRA, M. L., NUNES, S. A., GOMES, S., 1998/99, Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão, *Portugalia*, Nova Série, vol. XIX-XX, pp. 29-70.
- JORGE, S. O., e RUBINOS, A., 2002, Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os dados e os problemas, *Coâvisão, Ciência e Cultura*, n.º 4, pp. 95-111.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., SILVA, E. J. L., JORGE, S. O., 1997, *As Mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço). Trabalhos de 1992 a 1994*, Porto, S.P.A.E.
- JORGE, V. O., MURALHA, J., PEREIRA, L. COIXÃO, A. S., 2002, Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal, *Monuments and landscape in Atlantic Europe*, Londres, Routledge pp. 36-50.
- HARRISON, R. J., 1977 a, *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, *Bulletin of the American School of Prehistoric Research*, N° 35, Cambridge, Massachusetts.
- HARRISON, R. J., 1977 b, Beaker cultures of Ibéria, France and the west Mediterranean islands, 2200 - 1500 B.C., *Beakers in Britain and Europe*, B. A. R., Oxford, ss. 26, pp. 5-26.
- HARRISON, R. J., 1980, *The Beaker Folk - Copper Age Archaeology in Western Europe*, Londres, Thames and Hudson.
- HARRISON, R. J., 1988, Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millenium B.C., *Antiquity*, vol. 62, pp. 464-472.
- MORENO LÓPEZ, G., 1971/72, Cerâmica campaniforme en la Cuenca Alta y Media del Ebro y provincias adyacentes, *Caesaraugusta*, vol. 35-36, pp. 29-51.
- SALANOVA, L., 2000 a, *La Question du Campaniforme en France et dans les Îles Anglo-Normandes. Productions, chronologie et roles d'un Standard céramique*, Paris, Ed. du CTHS: Société Préhistorique Française.
- SALANOVA, L., 2000 b, Mecanismos de diffusion des vases campaniformes: les liens franco-portugais, *Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto, ADECAP, pp. 399-409, "Actas do 3º Congr. de Arqueologia Peninsular", vol. IV.
- SANCHES, M. J., 1997, *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., SPAE, "Textos", vol. 1.
- SANCHES, M. J., no prelo a, O Crasto de Palheiros (Murça): do Calcolítico à Idade do Ferro, *Portugalia*, Nova Série, vol. XXXII (2000-2001).
- SANCHES, M. J., no prelo b, O Crasto de Palheiros (Murça — Trás-os-Montes). Interpretação dum sítio fundado nos alvares da metalurgia calcolítica e exposição dum novo programa de estudo e musealização, *Actas da Reunión Minería y Metalurgia de la Edad del Bronce. Una Revision desde el valle del Duero*, Zamora 1 y 2 de Junio 2001, Instituto Rei Afonso Henriques.

- SUÁREZ OTERO, J. 1997 a, Un vaso campaniforme com decoración cordada en Galicia: A Fontenla (Moaña, Pontevedra), *Boletín Auriense*, vol. XXV, pp. 9-36.
- SUÁREZ OTERO, J., 1997 b, Cerámica campaniforme com decoración cordada en la Península Ibérica. Acotaciones en torno a una problemática, *Boletín Auriense*, vol. XXVI, pp. 27-46.
- WALDREN, W. H., KENNARD, R. C. (ed.), 1987, *Bell Beakers of the Western Mediterranean. Definition, Interpretation, Theory and New Site Data*, B. A. R., International Series, 331, Oxford..

Porto, Novembro de 2001